TL4435-6

MENSAGEM DO

COMANDANTE **XANANA GUSMÃO**,

PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DA RESISTÊNCIA TIMORENSE, C.N.R.T.,

para o

DIA DAS **FALINTIL**,

20 de Agosto de 1975 - 20 de Agosto de 1998

Conselho Nacional da Resistência Timorense
Comando das FALINTIL

Companheiros da Luta
Queridos Compatriotas

20 de Agosto é o dia das gloriosas Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste. Hoje e no futuro, o 20 de Agosto permanecerá nas nossas mentes como o dia de veneração a todos quantos tombaram pela defesa do solo sagrado dos timorenses.

A Nicolau Lobato, o lúcido Comandante em Chefe das FALINTIL, que durante os três anos iniciais de guerra soube dirigir a Resistência Armada contra a cobarde invasão das assassinas forças do General Suharto, as FALINTIL devem toda a sua força moral e capacidade política que hoje guiam os seus passos.

Desde Domingos Ribeiro a um Kaliça, desde Sebastião Sarmento a um Coru-Aço, desde Rama Ana a um Venâncio Ferraz, passam na nossa lembrança dezenas de milhares de intrépidos soldados das FALINTIL que doaram a sua vida pela Pátria Maubere. Entre eles se destacam também Nino Konis Santana e Alex Daitula. Infatigáveis no seu dever de manter viva a chama da Resistência Nacional.

Nino Konis Santana - um exemplo de dedicação e perserverança, um exemplo de profundo espírito do dever e de sacrifício demonstrado durante os seus últimos tempos de vida sempre afectado com as balas que trazia no corpo e na nuca.

Alex Daitula - um bravo Comandante, o temor nas fileiras do inimigo. Abnegado e totalmente entregue aos seus deveres. Um pequeno homem com uma alma grande.

A estes nossos heróis eu peço um minuto de silêncio. Não para rezarmos pelas almas deles, que hoje moram no Matebian entre os nossos ancestrais, enfeitados de penas de galo na cabeça, brandindo as espadas de guerra e exigindo de nós que continuemos a obra deles.

Um minuto de silêncio é para termos esta visão connosco e os venerarmos, expressando-lhes o nosso profundo respeito e admiração e o nosso cometimento no ideal da Libertação da Pátria e do Povo Maubere.

Desde a Convenção Nacional Timorense que eu fiquei de me dirigir a todos os companheiros na Diáspora e faço-o hoje em celebração do Dia das

gloriosíssimas FALINTIL.

Quero, em primeiro lugar, saudar a todos os compatriotas no exterior em geral e, em particular, aos que, de uma maneira ou de outra, tornaram possível a Convenção realizada em Peniche.

As FALINTIL desde que tomaram consciência de que estavam a dar a vida por Timor-Leste, a Pátria de todos os timorenses, deixaram imediatamente de subordinar-se politicamente, a um partido, tornando a Luta em uma Resistência verdadeiramente nacional.

E foi este carácter que vem guiando a denodada resistência do nosso Povo, cujo produto político foi agora o CNRT.

O CNRT e a prova do cometimento de todos os timorenses pela Unidade Nacional como a condição *sine qua non* para a vitória. Uma vitória que se aproxima.

Unidade Nacional não significa apenas os vínculos politícos que se estabeleceram agora entre os timorenses. Unidade Nacional exige que todos nós nos esforcemos por fortalecer os princípios da organização, todos nós nos esforcemos de partilhar das preocupações comuns, e nos esforcemos por criar um clima de relações, de maior entendimento, de maior ajuda mútua, e de maior cometimento para melhoria individual e colectiva.

Estamos perante um desafio histórico que nos vai exigir profundidade no estudo dos problemas e seriedade de análise. Tentemos evitar a subestimação das nossas capacidades de pensar e decidir, mas erradiquemos das mentes demasiada euforia. Uma e outra prejudiciais ao intento de darmos o melhor de nós mesmos para servir o nosso Povo.

O processo de negociações será difícil, já que o governo colonialista de Jacarta mantém a sua posição quanto à ilegal anexação da nossa Pátria. O processo de negociações será tambem difícil porque infelizmente há timorenses que continuam com as costas viradas para o futuro e vêem na autonomia um requisito importante para salvarem, segundo pensam, os bens adquiridos à custa do sofrimento do nosso Povo.

Os que, em Timor-Leste ou fora, defendem com ardor o projecto de autonomia, levam no íntimo como que uma certeza de que continuarão protegidos pelo espírito da Orde Baru e protegidos pelas assassinas tropas de ocupação indonésia.

Eles também pensam que a autonomia lhes dará maiores poderes para

possuirem em Timor-Leste e explorarem-no a seu belo prazer, esquecendo que a própria Indonésia se debate com grandes problemas socias como resultado de grave crise económica.

Entre aqueles timorenses estão tambem os que, motivados por um profundo ego que os impede de pensar com rectidão, continuam demonstrando um intolerável orgulho de quem não aceita perder, provando que, o que defendem não são os interessses do nosso Povo mas os seus próprios. Um estúpido orgulho que os faz cegos e os impede de reconhecer que as coisas mudaram, continuando a defender os argumentos indonésios sem pensarem que, no processos das reformas políticas na Indonésia os argumentos utilizados no regime de Suharto estão a perder consistência e peso.

Fundamentalmente eles argumentam que um referendo pode provocar uma nova guerra civil. Mas, quando lhes digo que a mesma situação pode ocorrer se a autonomia for imposta como solução final eles respondem que não. Eu sei o que eles pensam. Eles continuam com a ideia de que a ABRI manterá em Timor-Leste o mesmo efectivo actual e sempre que necessário pedirão um aumento para garantir o que eles chamam de paz e tranquilidade no território. As manobras de terror e de provocação feitas ultimamente provam que a teoria deles de autonomia lhes garante a vida, lhes protegem os bens e lhes asseguram novos e rendosos negócios porque como defensores da integração eles tem tido o privilégio de recorrer as forças de ocupação para reprimir o nosso Povo.

A defesa da tal autonomia está por conta de Jacarta e para salvar o *persatuan dan kesatuan* (unidade nacional), em qualquer momento a ABRI será enviada para abafar os insurgentes. Aqueles timorenses não querem perder um bocado de tempo para reflectir sobre a crise económica na Indonésia e não estão capazes de entender a complexidade do processo de reformas e o que a sociedade indonésia deseja.

Pobres instrumentos do colonialismo que não possuem personalidade própria e mais infelizes ainda são aqueles que se remetem no orgulho individual de não aceitarem que sempre estiveram errados defendendo o falso e o injusto.

Queridos Compatriotas,

Temos muito que fazer pela frente. A todos peço para que reforcemos a Unidade Nacional atraves de trabalhos de contacto com todos os irmãos desencaminhados, esclarecendo-os da importância de os timorenses se darem as mãos a fim de olharmos para o futuro de liberdade que nos espera.

A sua recuperação política depende de nós, dos que também possuimos às vezes demasiado orgulho de nos sentirmos que somos os detentores da verdade por termos sido os defensores do direito do nosso Povo à autodeterminação e independência nacional. Eu digo que depende essencialmente de todos nós, de nós todos.
Depende de nós, porque serão as nossas atitudes políticas que influenciarão uma percepção gradual de que estamos preparados para criar o espírito de uma verdadeira reconciliação nacional. Depende de nós porque só uma intensidade dos nossos esforços para estabelecer contactos e trocar impressões com os nossos irmãos falhados é que os pode esclarecer e garantir de que o referendo não sera nenhuma ameaça a quem quer que seja e que todos estamos comprometidos a salvar Timor-Leste de novas discórdias porque estamos comprometidos a estabelecer uma verdadeira e duradoira Paz para o nosso Povo, estamos comprometidos a desenvolver Timor-Leste e a garantir a nossa Pátria os fundamentos democráticos para um futuro risonho para as gerações vindouras.

Queridos Compatriotas,

Estamos perante um desafio histórico. Um desafio que nos toca a nós mesmos.

A actual conjutura política exige de nós maior disposição de coração. Sempre que tenho de falar sobre isso fico complexado, embaraçado comigo mesmo. Primeiro, porque já advinho as reacções, é produto das queixinhas que tenho ouvido. Segundo, pela pretensão de aparecer como juiz do comportamento dos meus irmãos. E terceiro, pela conciência de que eu não sou nenhum espelho exemplar.

Existem ainda, tanto em Timor-Leste como na Diáspora, determinados métodos de trabalho que permitem o auto-isolamento de organizações ou de grupos. Isto tem permitido que grupos funcionem competitivamente, como que possuindo, cada um, um objectivo estratégico próprio que aparentemente não é mais nem menos do que provar a todos quem participou mais, igual a ...; quem fez mais, igual a ...; quem arranjou mais coisas para as FALINTIL ou para a Resistência. Este espírito de competição traz problemas entre grupos que escondem, um do outro, as suas actividades e consentem que se criem climas de desconfiança e rumores que circulam e aumentam sem se poder por cobro.

Devo reconhecer que a Resistência já acomodou, ao longo destes anos, todos o tipo de participações segundo as condições políticas, que de uma forma ou de outra, permitiram que isso acontecesse.

Este espírito de independência de pequenos grupos trouxe as suas vantagens mas também as suas desvantagens pelo descontrolo a partir do interior da Pátria. As requisições para o exterior foram sempre incontroláveis.

O CNRT não acabou em Peniche. O CNRT deve ser dinamizado num novo carácter organizacional e novas disposições políticas para um trabalho mais produtivo, racional e eficiente. Evitaremos assim que esbanjemos energias, que fomentemos o competicionismo entre grupos, autorizando-se assim um espírito de participação não tão louvável como desejaríamos.

E nós, cá de dentro, não estaríamos, nem nas FALINTIL nem na organização clandestina, em choques, que poderiam ser evitados porque toda a gente pode comunicar-se com os seus grupos lá fora, movidos também pelo espírito de provar quem arranjou mais, ou quem ajudou mais.

Este método originou que pequenos grupos se instalem dentro da organização clandestina e, às vezes, fora da alçada dos responsáveis porque as pessoas querem provar que têm um canal próprio para o exterior, que são as mais eficazes.

Nós estamos a tentar re-organizar a estrutura interna da Resistência e apelo às comunidades timorenses no exterior para que modifiquemos os nosso métodos de trabalho, para criação aí fora de secções que possam manter contactos directos com os responsáveis do interior. Eliminaremos assim as causas que continuam fomentando certo espírito de independência entre organizações ou grupos formados, tanto no interior como no exterior.

A todos peço para se situarem no tempo e corrigirmos o que as condições anteriores permitiram que acontecesse. A todos peço para desenvolverem um clima de maior confiança, de maior apoio e maior entendimento.

Se no interior da Pátria estamos a iniciar uma educação política sobre o referendo e todas as implicações políticas anteriores e posteriores ao acto, se no interior da Pátria vamos iniciar a educação política para uma melhor compreensão e assimilação do que significa período de transição e as suas implicações políticas para que o nosso Povo saiba e se prepare para cada avanço do processo e seja, não um objecto, mas o sujeito que determina esse processo, aos companheiros no exterior pedimos para que reflictam nos erros, que têm levado a incompreensões e talvez a rupturas entre pessoas e grupos e se decidam a um maior compromisso político que nos tornará fortes e invencíveis.

Porque, A LUTA CONTINUA EM TODAS AS FRENTES.

Estamos habituados a pensar que as frentes de luta são o campo político, o diplomático e o da Resistência Armada e da Clandestina. Com o avanço que se foi criando no processo da nossa luta vamos pensar que as frentes de luta são agora mais largas e dizem respeito aos nossos comportamentos e relações entre nós, todos. Devemos começar a pensar que a independência não significa simplesmente a possibilidade de regressar a Pátria. Devemos começar a medir as enormes dificuldades que aparecerão pela frente, desde o período de transição ao referendo e aos anos iniciais da independência.

Não estou a espevitar exagerados optimismos. Estou a pedir para reflectirmos profundamente no dia de amanhã. Há talvez quem possa começar a pensar no que vai ser, no que vai exigir para si próprio como compensação na sua participação no governo. O que deveríamos reflectir é sobre a complexidade de situações que nos esperam. O que deveríamos reflectir, a partir de agora, é a nossa verdadeira contribuição para não agravar a situação com problemas irrelevantes e que só destroem o que deveria ser um esforço comum para criar uma atmosfera de harmonia e desejo de reconstruir a Pátria e a Nação. E isso só se consegue se, desde agora, nos eduquemos politicamente para isso.

Por último, apelo a todos para que reforcem a confiança na Direcção da Luta e apoiem os membros da Comissão Política Nacional na execução das suas tarefas a fim de que possamos rapidamente por fim aos sofrimentos do nosso Povo.

RESISTIR É VENCER
A VITÓRIA É CERTA E INEVITÁVEL

Na Prisão, aos 12 de Agosto de 1998

Kay Rala Xanana Gusmão
Comandante das FALINTIL